

Relato

PROJETO OFICINA DE CERÂMICA PARA REABILITAÇÃO DE PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Clara Fonseca

É muito bom para mim e para minhas companheiras ceramistas, poder repartir uma experiência tão rica e fértil como a que temos vivido junto aos portadores de deficiência visual do Instituto Benjamin Constant (IBC).

Nos últimos 27 anos venho aprendendo e ensinando cerâmica numa linha de produção artística e utilitária.

O Projeto Oficina de Cerâmica para Reabilitação de Portadores de Deficiência Visual do Instituto Benjamin Constant atende a alunos e reabilitandos, e é a evolução de uma relação bem sucedida entre o IBC e a arte cerâmica. Esta relação teve início em outubro de 2001 com a exposição "Cerâmica Tátil", patrocinada pela Associação dos Ceramistas do Rio de Janeiro — ACE-Rio, que trouxe, pela primeira vez, aos portadores de deficiência visual atendidos no Instituto, a possibilidade de interagir com as peças expostas.

A proposta desta exposição foi o resgate de duas funções fundamentais da relação entre a arte cerâmica e o público: a inclusão do público deficiente visual, geralmente excluído deste tipo de exposição, no que tange às interações que a arte cerâmica possibilita; e o resgate da função primeira da cerâmica, que é a utilitária, sendo portanto, um convite ao toque e manuseio.

Em 2003, sob minha coordenação, o IBC iniciou o projeto de Ateliê de Arte Cerâmica. O sucesso desta iniciativa foi enorme e gerou em todos a necessidade de se consolidar e ampliar esta experiência, surgindo assim, o atual projeto de uma oficina permanente de cerâmica no Instituto.

Esta oficina oferece às pessoas com deficiência visual, em primeiro lugar, um meio valioso de apreciar e trabalhar a forma estética, mediante o sentido tátil, encarado não como um substitutivo a ser arduamente trabalhado, mas sim como ferramenta

sutil e preciosa a ser aperfeiçoada. Além disso, a auto-expressão concretizada no "fazer cerâmico" proporciona aos deficientes visuais oportunidades raras, tanto do ponto de vista da qualificação profissional — na medida em que o Projeto se propõe a formar artesãos ceramistas — quanto do ponto de vista terapêutico-ocupacional, uma vez que a prática da arte cerâmica engendra uma série de possibilidades, como a descoberta de vocações e talentos, de forma que esses alunos tenham a chance, também rara, de satisfazer uma das necessidades básicas de todo ser humano — a necessidade de expressão da subjetividade.

Já em 2003, a oficina atingiu um público de 20 alunos, entre adolescentes da escola e adultos reabilitandos, culminando com uma exposição de peças criadas para um presépio natalino (capa da revista Benjamin Constant n° 27).

Em função da procura crescente de interessados pela oficina, o IBC garantiu um espaço mais amplo para a atividade, assim como foi adquirido o forno, necessário para a etapa final da confecção dos objetos, que é a queima das peças. Dessa forma, todo o processo produtivo da cerâmica pode acontecer dentro das instalações do IBC.

Para trabalhar com cerâmica, o indivíduo não precisa de um alto grau de instrução ou especialização. A argila ou barro, material a partir do qual é produzida a cerâmica, é maleável, permitindo através do seu manuseio e no simples contato com as técnicas básicas de modelagem, constituir um canal privilegiado de expressão dos sentimentos e sensações humanas. Da mesma forma, ao criarem objetos utilitários terão a chance de experienciar um processo milenar e universal, integrante do desenvolvimento de todos os povos.

Todo o processo de criação representa na origem, tentativas de estruturação, de experimentação. Ao ordenar a matéria, expandir a argila, trabalhar a forma, estamos na verdade utilizando uma ferramenta poderosa de integração.

A cerâmica é uma atividade que demanda envolvimento, tempo, paciência. Trabalhar com a argila descarrega a ansiedade, a agressividade e o excesso de energia. Ela permite um processo terapêutico invisível. Moldando o barro, moldamos a nós mesmos, permitindo as mudanças naturais da vida.

Algumas adaptações foram feitas por percebermos que as ferramentas usuais para o trabalho com a argila afastam a mão do objeto que está sendo confeccionado, o que dificulta a identificação. Utilizamos moedas para trabalhar o interior das peças e chapinhas finas de aço para a parte externa no momento de fazer o acabamento. Dessa maneira, a mão não se afasta muito da

peça. Para decoração, usamos pintura a dedo com argilas coloridas, em vez do pincel, o que dá um lindo resultado.

Comecei a notar a possibilidade de sucesso no trabalho com o deficiente visual pelo hábito de produzir no torno, inúmeras vezes, sem olhar o que estou fazendo, pois o centro da roda do torno não sai do lugar, ou seja, você não precisa ver e sim sentir, perceber, e nisso eles são muito bons! Aprendo sempre que estou com eles. Desenvolvo a atenção; a forma de falar sem o gesto; o amor à vida, apesar das dificuldades; o humor, e encontro sempre a paz.

Os resultados positivos alcançados até o momento são tantos, que seria difícil enumerá-los. Os planos para o desenvolvimento do Projeto são muitos: criar fitas didáticas, levar exposições dos trabalhos a galerias, construir um acervo de peças para contar a história da humanidade para crianças e visitantes, ter uma exposição permanente no IBC, buscar meios de escoar a produção, enfim crescer e atingir o maior número de pessoas possível com nossa arte e amor à vida.

Estou muito feliz com o reconhecimento e apoio do IBC, e me sinto honrada por esta oportunidade. Acredito tanto no Projeto quanto nas pessoas nele envolvidas e agradeço às ceramistas, também voluntárias, Doris Kelson, Ana Graciosa, Fábria Schnoor e Ana Frazão pela participação e entusiasmo.

Clara Fonseca estudou Design Cerâmico na Chelsea School of Art, Inglaterra. Montou a escola e o curso de cerâmica da Fundação Mokiti Okada, no Brasil. Participou de exposições no Brasil e Europa. Faz palestras e workshops de técnica cerâmica no Rio de Janeiro e Curitiba.